

Redacção, Administração e Propriedade
CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA — Telef. 5 CETE

Director e Editor
PADRE AMÉRICO

Composto e Impresso na
TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA

Vales de Correio para
PAÇO DE SOUSA

AVENÇA



Visado pela
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES ELOS RAPAZES ANO X * N.º 250 * PREÇO 110

UM ESCÂNDALO

As duas casas de habitação que oferecemos, por dote, a dois gaiatos que se casaram ultimamente, deram um ror que falar. Foi sempre discutida a casa que se levanta na praça; uns porque grande outros porque pequena. Quem é capaz de calar o mundo?

Ora eu desejo dar aqui o meu ponto de vista. Começemos pelo António carpinteiro. Ele pediu lugar em África e efereceram-me um no Niassa. Do Niassa à Nias salândia são dois passos. Ali, um artista medíocre, ganha duas libras diárias. Este carpinteiro facilmente ganharia três, além de longos e vantajosos horizontes que num instante havia de conquistar, pela sua rara vocação. No meu regresso e por lealdade contei tudo isto ao rapaz, acrescentando que jamais aqui lhe poderíamos dar nada aproximado. O rapaz ouviu. A seguir disse que ele, não indo, podia fazer muitos carpinteiros que a seu tempo iriam dar suas provas. Disse-lhe que precisava muito dele para mestre e que, aceitando, dar-lhe-ia uma casa e um quintal. O António carpinteiro troca pela minha vontade as vantagens africanas. Fica. Contraf nessa altura a dívida.

Só quem lida de perto numa obra como a nossa, pode avaliar o efeito decisivo na vida dos aprendizes, ter à sua frente um mestre que saiu deles. Só visto. Ora esta minha experiência das coisas, junta àquele sim generoso do carpinteiro, veio-me dar um afecto e decisão que os juizes do mundo são incapazes de compreender e por isso de julgar. Eis de como nasceu a casa.

Quanto custou? Não sei. Eu não sei por quanto nos fica nenhuma das centenas de casas que temos construído para uso dos mais. Eu não sei por quanto nos fica o vestuário e alimento de cada rapaz. Eu não sei quantos deles temos em casa. Se amanhã for a hora de construir uma casa para os Incuráveis pobres, eu nunca hei-de saber quantos eles são nem por quanto a casa ficou, muito menos quanto se gasta na alimentação. É esta a nossa doutrina. Com ela temos feito o que está à vista. Por ela repartimos as sobras. Não sei quanto custou a casa do António carpinteiro.

É grande demais? Quem perde com isso? Quem ficou prejudicado? A quem se fez injustiça? O defeito será dela ou dos olhos que a vêem? Não seria mais bonito e mais cristão alegrar-se cada um com as mercês que Deus faz a outrém? Se o António carpinteiro se dá à Obra, ficando; que muito que ela, a Obra lhe ofereça um dote? Ou ele fica mal a um ar-

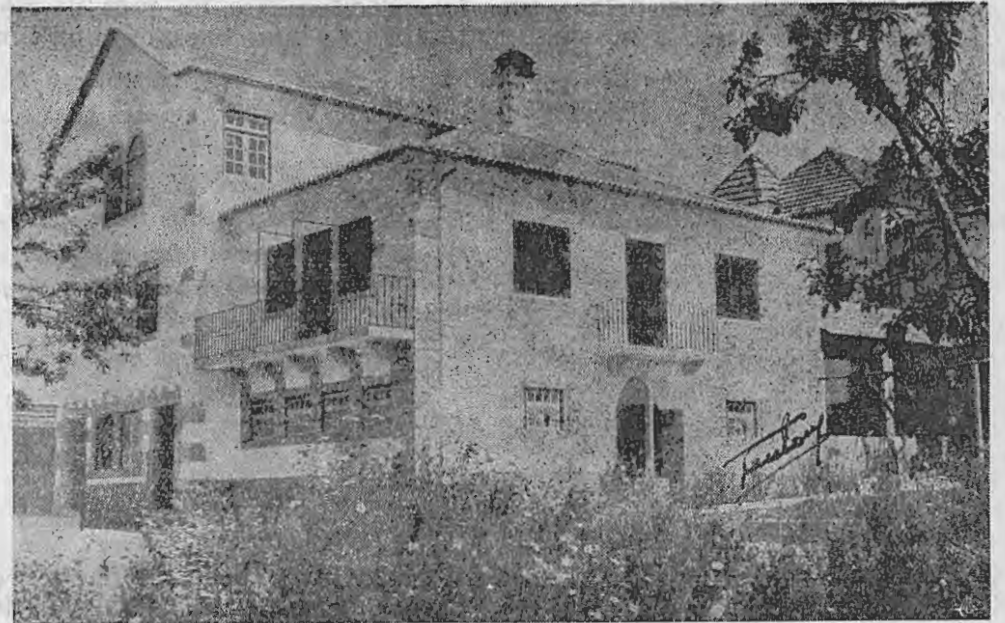
tista viver em [uma casa sua, mesmo que seja vistosa e ocupe um chão de 60^m2?

Vamos agora ao caso do Júlio Mendes, outro escândalo. Este rapaz, que veio em pequenino, fez o seu curso comercial com uma bolsa de estudo da Casa Pia, de quem recebemos 24 contos nos cinco anos. Quer dizer, o Júlio Mendes entrou para a casa com aquela soma em cheio. Trabalhando de dia, entrou, ainda, com metade do seu salário, como consta dos nossos livros—9 contos; e aqui já são 33 deles. Junte-se mais a quantia de 108 contos, suas entregas quinzenais da venda de livros e jornal durante seis anos que o fez e chegamos aos 141 contos!! A casa antes de o ser já o era. Júlio Mendes, uma vez pronto a empregar-se, teve tantos e tão bons empregos, que eu mesmo cheguei a hesitar se o não prejudicaria em seu futuro interesse, pedindo-lhe que ficasse na Obra. Júlio Mendes, é hoje o guarda-livros e superintendente responsável pela educação de 23 rapazes tipógrafos. Era esta a sua posição quando resolveu casar-se. Assim como no caso do carpinteiro, também eu me propus ligar este à Obra. Se cadeia de ouro. Se cadeia de prata. Se cadeia de pedra, isso não importa; o que é preciso é que os escolhidos vejam diante de si e na sua posse uma realidade: a sua casa.

Mais. Foi da boca de um destes dois, que ambos lidam com máquinas, não importa saber qual, foi de um deles, sim, que saiu a recusa de uma promessa de 10 contos, num negócio de certa máquina. Só por isto eu digo ao mundo que uma casa por dote é pouco; devia ser também uma quinta. E eu dava-lhe se a tivesse.

O negociante disse, ao tempo, que aquela oferta é da gíria comercial, pertence aos interme diários e o não aceitar é pieguice. Ao que ele responde—*Eu não sou intermediário, sou filho da Obra.* Uma casa e uma quinta é pouco por prémio de uma tal atitude. Muito mais vale a lição.

É gíria sim senhor. Não há cão nem gato que a não compreenda. As excepções causam verdadeiro escândalo. Ouvi dizer que um funcionário superior da Federação dos Trigos, fora, algures, em comissão de alto negócio em nome do Governo, a quem mandou creditar totalmente a meiga luva da gíria. Isto causou um tal espanto que alguém atravessou o mar de propósito para conhecer *O Homem*. Já recebeu a sua recompensa. Foi Deus quem lhe deu. Morreu pobre e cheio!



AQUI MIRANDA:—Eis aqui a linda casa, recentemente inaugurada, substituiu o antigo refeitório e cozinha. Linda, sim, porque riscada e construída pelos meus sucessores, Padre Adriano e Padre Horácio, auxiliados pelos rapazes da casa. Maravilhas! Nunca tanto os ameí, como depois que os vi algumas vezes em Miranda, ocupados com o nível e ferramentas! Os materiais foram pedidos de porta em porta pelo Padre Horácio. Só aqui do Porto, levou ele nove contos em ferro! Coimbra deu o mais. Nem Igreja nem Estado.



Crónicas de África

Era noitinha quando soubemos que Las Palmas seria o ponto aonde iam os descer, e ali chegaríamos por volta da meia noite. O comunicado foi-nos feito pelo próprio comandante, amigável e familiarmente. Eu já tinha percebido e agora fiquei inteira do; os pilotos do ar recebem e cumprem instruções. Estão sujei-

tos. São superiormente determinados pelo comando de certas zonas. Gostei muito de o ouvir e admirei a organização. Exemplo; ontem, o nosso piloto houve de pedir autorização ao comando Superior para se desviar um nadinha da rota e razar por sobre as cidades de Bolama e de Bissau. Quis mostrar-nos de perto o que é nosso, sim, mas sem licença não o fez. Isto é disciplina. Agora já compreendo que, se aqui em nossa casa, dentro dos nossos muros, se dá qualquer desastre em voos de estudo, talvez tenha sido fruto de uma desobediência.

Pousamos dentro da hora prevista. Havia uma forte animação nas extensas esplanadas e salas do aeroporto. A noite era brilhante, de tantas estrelas. O ar era cheio de frescura. Foi-nos servido uma ligeira refeição, naturalmente o melhor que pode ser; era fora de horas e os criados davam sinais de cansaço. De resto, tínhamos estado à mesa horas antes, em Dakar. No avião deram-nos merenda e dentro de poucas horas estaríamos em Lisboa. Que importa pois, a refeição de Las Palmas? Foi um instante o tempo que me demorei à mesa. Outros meus companheiros ficaram enquanto eu me perdia nas salas a ver se atinava com tanta afluência. Em breve compreendi. Esperava-se o avião de Madrid. Uns iam embarcar. Outros esperavam os desembarcados. Eis.

As mulheres, na sua maioria ostentavam brincos e colares de

(Continua na quarta página)

PÃO

Estamos neste momento a desocupar a sacaria de uma remessa de milho do Grémio do Ultramar—oferta! Quem pode agradecer adequadamente! Com pão na caixa vive a gente feliz. Como não temos outros azeites, o pãozinho anda sempre e por toda a parte. O Augusto de Trás-os-Montes, que tomou o lugar do Pastor, excede o em todo o sentido. Nunca o pão em nossa casa andou tão saboroso como ora! Talvez por isso mesmo, nunca tanto se tem comido! Mas não é prejuízo. Não o considero como tal. Prejuízo é, antes, não haver.

É já agora, que estamos no Ministério do Ultramar, não me quero ir embora sem agradecer ao senhor Director dos C. T. T. U., as lindas colecções de selos que de vez em quando nos envia. Isto não tem nada que ver nem se pode comparar ao milho, sim, mas é também uma oferta de beleza rara.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Foi no pretérito dia 20 de Setembro, um domingo que o pároco da freguesia de Paço de Sousa entregou três e o pároco da freguesia de Galegos outras tantas e assim também o pároco de Cabeça Santa. Ficam as três primeiras à beirinha da estrada, no lugar de Cadeade. O outro grupo, um nadinha distante na orla da mesma estrada, lugar das Alminhas de Galegos. E as outras, também dizem prá estrada. No cunhal de cada uma delas, em azulejo, pode ler-se o nome de



Não importe saber onde e como esta família morava... O que sobremaneira atinge o coração dos leitores, é ver ora aqui as sete crianças e ao lado o Pai.

quem as ofereceu, e assim temos: Casa do Pessoal dos C T T de Moçambique, Casa dos Funcionários Administrativos de Manica e Sofala, Casa do Pessoal do Círculo de Saúde de Manica e Sofala, Casa de Nampula, Casa do Luabo, Casa 14 irmãos, Casa do F. C. P., Casa do Pessoal dos C. T. T. da província de Moçambique, Casa da Companhia dos Algodões de Moçambique, «Namiala». Perto e afora estas nove, também à beira de estradas nacionais e camarárias, encontram-se outras desde há muito habitadas e hoje com seus nomes. Eis algumas: Casa das Mulheres Portuguesas de Bumba — Congo Belga. Casa do Xai-Xai, Casa de Huila, Casa de Nampula, Casa Correia Neves, Casa Luso Brasileira, Casa do Pessoal das Obras Públicas da Beira, Casa do Pessoal dos Caminhos de Ferro da Beira, Casa dos Funcionários Administrativos de Manica e Sofala, Casa dos Empregados da Companhia dos Algodões de Moçambique «Namiala», Casa de Manjacaze, Casa Inharrime, Casa duma Famalicense, Casa de Inhambane, Casa do Xai Xai, Casa do Lubango, Casa dos Funcionários Administrativos de Manica e Sofala, Casa do Pessoal de Via e Obras do Porto da Beira, Casa dos Funcionários da Companhia de Diamantes de Angola — Dundo. Como já se disse algures aqui deu-se um equívoco. Por *Funcionários* não devemos tomar só os da Companhia, mas sim muitos outros do distrito da Lunda. E é por isso mesmo que a segunda casa, já em construção se vai chamar Casa dos Funcionários da Lunda, — Chitato. De resto, pelos bons officios de um nosso amigo, são tantas as listas de nomes, que não sei se há alguém naquela parte da província que não seja assinante do jornal.

Já são muitas com letreiro. Mas não são todas. O Manuel Pedreiro anda actualmente ocupado a colocar

novos azulejos em novas casas que a seu tempo diremos. Se aparecem alguns nomes duplicados, isso quer dizer que ofereceram mais do que uma casa, certos indivíduos e certas organizações. Dá gosto entrar no seio destes pequeninos bairros e observar de como falam da Pátria os seus filhos ausentes. É um mapa de sangue. Cada casa é um poema.

Ninguém como eu é capaz de sentir esta beleza porquanto, foi precisamente no mês de Setembro do ano passado, que nós

tivemos ocasião de abrir o livro branco aonde os habitantes de Angola e Moçambique escreveram os seus nomes. Nem eles se enganaram, escrevendo; tão pouco nós os enganamos a eles. As nove famílias agora ocupantes, foram prévia e devidamente escolhidas pelas comissões de cada freguesia, consoante o regulamento, e é preciso que sempre e em toda a parte se faça assim. Já que se não pode, por enquanto, dar uma a cada um, dê-se aos mais precisados. Aonde houver vicentinos, continuem eles a sua acção de presença dentro das novas moradias. Desta sorte é o pobre totalmente seu. Se até hoje se amavam, agora muito mais. Esta manhã numa volta que dei aos habitantes do Património, observei esta coisa admirável: Era uma rapariga sobre um leito. O seu marido é artista. Sentindo-se apertada e por não ter casa própria, pede e vai dar à luz numa das casinhas do bairro mais perto. Fora diz *Casa de Huila*. Ora aconteceu que esta é do tipo cozinha e dois sobrados e eu notei que tudo quanto havia nos dois se arrumou num só para que o outro pudesse ficar livre ao serviço da parturiente. Maternidade! Como não há-de ficar contente o povo de Huila ao ouvir esta notícia! Mais. Não era a primeira vez que aquela mulher foi mãe. Porém, agora, por morar em sítio impróprio, saber desta formosa casa, estar em boas relações com a família que ali mora, que faz ela? Propri-



Este mendigo dos caminhos, hoje tem casa e cultiva as suas flores.

BAILES DO SÉCULO

Foi assim que os jornais chamaram a mais uma bacanal no estrangeiro, desta vez promovida e custeada por um milionário, Marquês de Cuevas. Digo desta vez porque da outra, em Veneza, também muito falada, foi outro milionário, da mesma nacionalidade. Recordo-me que, ao tempo, estava passando as férias em Itália o sr. Winston Churchill. Como de costume, pintava. Recebeu um convite e continuou a pintar. Não aceitou. Fiquei muito contente.

Do que aquilo tudo foi, disse a *Imprensa* largamente. O primeiro festim não teve censura. Este segundo também não e o senhor Marquês quis e teve-o por maior do que aquele. Preparemo-nos todos, pois, para uma mais larga exibição. Foi assim, a comer e a beber que a Roma dos cesares acabou...

Visto como o nosso jornalzinho é um livro de leitura e meditação, tenho que a seguinte carta e trechos doutras, servem à maravilha para um juízo interior do que são e quanto valem os chamados bailes do século. Tanto mais que estas e outras, são hoje voz e gemido de todas as nações.

«Encontro-me doente dos pulmões e impossibilitado de trabalhar há já 13 meses. Desde o início da minha doença nunca pude tratar-me como era preciso em virtude de ter 3 filhos de tenra idade e mulher e ser só eu a ganhar.

O meu ordenado era de 40\$00 diários mas logo que adoeci passei a receber pela Caixa de Previdência, durante 9 meses, apenas 17\$00 diários, e como era impossível fazer face à vida com aquela importância era obrigado a fazer outros trabalhos que me apreciavam.

Acabado aquele período procurei novamente emprego, embora a doença continuasse, mas como tinha e tenho de fazer o pneumotorax de 3 em 3 dias era-me difícil arranjar.

Depois de profiados esforços arranjei trabalho mas, quando souberam que eu sofria dos pulmões suspenderam-me.

Consegui depois com uma pessoa amiga que me desse trabalho, dispensando-me quando necessitava fazer tratamento. Porém, passados 45 dias voltaram as hemoptises, e novamente fiquei sem trabalho.

cura um lugar decente. Mais alegria para o povo de Huila

Dois casas abaixo e no mesmo bairro, está a *Casa do Xai-Xai* Entrei. A sua ocupante adoeceu. Está sentada na cama. Pende da parede um pequenino crucifixo de metal de uns, hoje raros, que eram distribuídos há um século ou mais por missionários franciscanos. A doente informa que outros lho quiseram comprar, mas eu não o vendo nem o dou. Isto era manhã. O sítio aonde estas casas são, domina o extenso vale que vai das Sete Pedras a Entre-os-Rios. A quem olha tudo é beleza. Sentei-me na cama para ouvir. Os pobres gostam de dizer e ela diz-me que tem sido muito visitada. E que à noite vem alguém dormir em sua casa. E que mal venha Outubro, ela já tem quem lhe dê plantas e vai começar o seu jardim. Quão alegre não vai ficar a população do Xai-Xai, eles, os do Xai Xai que têm cá nada menos que quatro casas—quão alegres!

Tenho-me dirigido a várias individualidades em destaque pedindo auxílio para meus filhos, para o aluguer, pois que já estou ameaçado de ser posto fora, e também para o meu internamento num sanatório o mais rapidamente possível não só para tentar o meu restabelecimento, como principalmente, para livrar os meus filhos do contágio.

Tudo em vão».

Como ela trouxe no verso rua e número do remetente, nós fomos por aí abaixo no intuito de lhe falar. Gosto de fazer e ter destes amigos. Fomos, mas o doente não estava. Tinha saído naquele momento para o dispensário como sua mulher me disse. É numa ilha, no coração do Porto. Muito pequenina. Muito aseada. Um fontanário ao meio dá-lhe frescura. A casa aonde o doente habita é uma salinha de entrada com uma alcova ao fundo, aonde está a cama do casal e três filhos. A mulher é nova. Se unidos, se juntos não sei. Quase sempre receio perguntar porque em regra, estas vidas, não oferecem ponto por onde se lhes pegue. Vi, sim, que é mulher arrumada e zelosa. Faltando ali tudo, do nada que a casa tinha, adivinhava-se de quanto seria capaz aquela mãe de filhos se tivesse um lar decente. Com esta carta e naquele dia, recebemos aqui outra, da qual extraímos o seguinte pedaço:

«Bom Amigo:

O nosso doente cá continua à espera de carta de chamada e ainda mais ansioso por partir pois a sua mulher foi ao médico que a achou muito pior dos pulmões que ele. Veja se a isto é possível uma pessoa ficar indiferente. Digo-lhe que não sei como estes infelizes arranjam forças

(Continua na quarta página)

Uma notícia

Temos tido aqui durante as férias, um seminarista dos Olivais, convida e comensal. Ontem, ao deitar-se dá com este bilhete no travesseiro.

«Desejava que falasse logo que pudesse qualquer coisa, a fim destas pequenas minhas dúvidas. Se me dá licença aqui vão elas:

1.^a—A que idade se deve casar; quero dizer, que idade mais própria deve ser. Talvez conforme os salários, não é assim?

2.^a—Também se pudesse ser, falava sobre o divórcio. Coisa que qualquer pessoa deve saber, mas no entanto, desejava saber melhor.

3.^a—A que idade é que o sexo feminino começa a desenvolver-se.

Era isto por hoje, ao que eu quero chegar. Para outra vez perguntarei o resto.

Eu tenho apenas 16 anos estando nos 17. A minha inteligência já puxa por mim de tal maneira, que sou obrigado a perguntar a alguém para que me explique.

Assino-me:

Alguns.

O bilhete assina-se alguns. Não se sabe quem foi. Não se perguntou. Não é preciso saber.

A minha inteligência já puxa por mim. Feliz o rapaz que na idade em que a inteligência puxa, encontra ao pé de si alguém que o esclareça.



Aqui, LISBOA!

Do que nós necessitamos

que motiva o milagre da sustentação de despesas tão grandes como as nossas, depois da necessidade daquelas a quem socorremos, é a piedada e o heroísmo de quem nos ajuda. Sacrificios, humildade, dores, participação nelas, dão à esmola um rendimento que a matemática deste mundo não sabe calcular.

Tinha prometido a N. Senhora que no dia em que o desejo de minha mãe fosse satisfeito — o de ter uma casinha nossa com um jardinzito e um quintal — daria dinheiro para uma casa do Património.

Surgiram dificuldades. Sendo simples professora agregada só no Natal receberá os vencimentos «pois o visto leva tempo a vir». Porém, entrando logo à tarde para a nossa casinha, arranjada com amor e desejo de nela louvar a Deus, que confio me dará o pão de cada dia e uma migalha mais, para ajudar os meus irmãos em Cristo, venho entregar a primeira prestação de três mil escudos, com uma pena imensa de não cumprir totalmente à nossa Mãe do Céu que tão minha amiga tem sido, sem eu nada merecer, mesmo nada.

Com tais disposições, esta esmola há-de trazer inerente a si

uma benção para a casa e para os pobres que vierem ocupá-la. Se também eles tiverem o desejo de nela louvar a Deus, em quem confiem, também a eles não faltará o pão de cada dia, não sei como, mas sabe o Deus e basta. No Lar, alguém entregou piedosamente um escrínio com preciosas joias e remédios e roupas e flores, para os nossos pobres, não esquecendo a Curradeira. No comboio 20\$ dum chefe de estação. 100\$ de visitantes, para a Conferência 20\$, mais 20\$ à porta duma igreja e outros 100\$ de uma professora para as obras da nossa igreja.

Para duas missas a seu tempo celebradas, 50\$.

Agora é «uma pecadora» com 100\$ para dois lençóis da 1.ª casa dos Pobres a entregar. Mais 50\$ para o Património duma humilde costureira.

Uma carrada de coisas da R. da Madalena e alguém sufragando a alma de seu pai e irmã, 500\$. Dum anónimo da R. do Crucifixo, 1.000\$ e muitas revistas. O pessal de Lisboa e Avanca, da Sociedade de Produtos Lácteos diz que sim por Junho e Julho com 311\$. Tudo quanto foi entregue no Monte Pio, incluindo uma *tankada* das já habituais, de 241\$60. Outra vez no Lar, embrulhos com roupa e calçado e remédios e azeite para os pobres da Curradeira.

20\$ da «Figueirense» e de Lisboa 50\$ para uma missa. A Sacor voltou com 200 l. de petróleo, que nos fazem um geitão neste tempo de regas, em que o motor bebe devoradoramente. De Gavião, 100\$ de uma funcionária pública que se propôs enviar mensalmente tal quantia e anda juntando para uma casa ou ao menos para metade, afim de «depositar nas suas mãos a minha dívida para com os Pobres».

De visitantes, 50\$, 45\$ e mais duas vezes 50\$ e rebuçados e bolos e revistas dum General. Do Tojal, 100\$ para os pobres e de Parede uma «telha» de 20\$. Mais 20\$ para a Conferência e mobiliário da Av. da República e linho da Trv. de S. Marta.

Peditório em Oeiras rendeu 2.100\$. Vamos a ver se no ano próximo o Sol da Costa do dito brilha como é próprio do astro-rei. Uma carrada de pão e 500\$ da R. de Buenos Aires e 100\$ dum *hermano nuestro* com um emprego para um dos nossos rapazes. Roupas, de Lisboa para a casa e para a Conferência e 500\$ para uma missa e assinatura.

1.000\$ e mais 500\$ para o Património daquele engenheiro aqui falado há um ano, que queria uma casinha para os pobres por cada obra grande que construísse. A promessa está de pé e para já trata-se de Castelo Branco. Os vicentinos de lá que procurem terreno, se entendam com o Pároco, escrevam para aqui e na volta duns meses temos a primeira casa do Património implantada em pleno coração da Beira-Baixa. E mais 1.100\$ dos Empregados da Vacuum que teimam em não arredar pé, na sua dedicação aos filhos das ruas de Lisboa.

Não queremos dizer nada das coisas e somas que a miúdo retiramos do *Espelho da Moda* em o número das quais vinha um primeiro ordenado de 900\$. Estas declarações são espantosas. Revelam a força do desprendimento. Nunca as leio que não tremo. E vamos começar pela nota alegre de um engenheiro de Lourenço Marques, o qual, não cabendo em si de contente, manda um cheque de mil escudos pelo nascimento de um filho. É um sinal de vida cristã. Também queria aqui dizer a impressão que me ficou de um casal que ontem subia a avenida da nossa aldeia. Ambos entrados em idade. O vestir mais que modesto. Ao aproximar-se, cuidei que me vinham pedir e não. Deram-me uma certa quantia de dinheiro e mais do que isso, encheram a minha alma daquela palavra eterna, que ensina jamais faltar pão ao justo, nem à sua descendência. Eles estavam ali. Criaram filhos e criaram netos. Vão nos bisnetos. Nunca lhes faltou o pão, quando toda a gente se queixa. Mais 200\$ de Lisboa tirados ao meu ordenado. Devo dizer neste lugar que nenhum daqueles e daquelas que prometeram têm faltado com a sua cota para as viúvas a favor de quem se pediu. Mais. Parece que a *defesa da Família* também vai ajudar de forma a que a viúva de muitos filhos continue na casa aonde morava e não procure outra mais pequenina como pensava fazer, por falta de meios. Outra vez Lisboa com 200\$ provenientes dum aumento de vencimento. Um que foi estudando na metrópole e agora está colocado em Lourenço Marques, manda todos os meses 50\$ e promete aumentar quando lhe aumentarem. Alguém por intermédio da firma Carregosa manda agora 500\$ e tem-no feito mais vezes. A mãe de Maria Armada manda 100\$ em acção de graças pelo aumento do ordenado de meu marido. Notemos por estes dizeres qual o conceito de multidões que fazem do trivial um acto de fé em Deus a quem rendem louvores constantemente. Mais 70\$ com esta singular dedicatória: *Que este di- nheiro interceda por mim diante do Senhor*. Mais actos de fé. Nós queremos que este jornal seja o legionário da Vida Eterna e que do mundo só diga mal. Mais de Tomar uma professora agarra em 50\$ da gratificação que acabou agora de receber pelo curso de adultos e manda para aqui. Mais 20\$ de Elvas. Mais. Vão aqui 20\$ por estar empregado. Mais 200 angolares de uma Mãe angolana. Mais de Lisboa de uma pobre avó que vive na companhia da filha, genro e netos remete 20\$. Na sua carta de letra cansada, ela afirma que Deus conhece os corações e sabe as circunstâncias, por isso, diz ela, fico satisfeita com este pouquinho. Outra vez actos de fé. Os justos vivem da fé. Vem aqui uma esmola de 25\$ pois estive numa casa e senti-me lá tão feliz que fiz o propósito de ajudar alguém a ter também felicidade. Ora a vida está aqui. A vida é isto mesmo.

O mútuo entendimento, a doçura das almas, a simpatia, as relações.

A imensa e invisível alegria interior. O mandamento novo — tudo isto é e promana de almas formadas à semelhança desta. E mais deu tão pouco! E mais escreve num papel tão pequenino! Mas que desejos! Mais 110\$ de Nampula. Mais cem do Porto. Mais metade de Espinho. Mais de Coruche uma tarifa de roupa usada; mas que roupa! E quanta delal! E que letra bem feita e que papel tão fino; e azul celeste! Nem parece de Coruche! Mais 100\$ da Maria Luísa de Angola. Mais 20\$ de Nampula. Mais 50\$ de Agueda. Mais de Espinho 40\$ do meu primeiro negócio. O Dr Zequinhas tornou. Deus o traga mais vezes. Mais 50\$ para aquela que só dá boroa ao filho quando ele barrega. Tem graça que estive lá hoje de manhã. O sol queimou-lhe ahorta e agora é de cebolas que ela faz o caldo para o filho não barregar. Mais 5 dólares da América. Mais 100\$ de Barcelos. Mais outro tanto de Lisboa. Mais 200 cruzeiros de S. Paulo. E mais 50\$.

AGORA

Os Funcionários dos Serviços Técnicos da *Chenop*, cá vão. A casa deles há-de levar muito tempo, porque as pedras são miudas, sim, mas a sua persistência fará que não haja outra tão linda como ela; desta feita, perto de mil. Uma outra que há-de ficar maravilhosa é daquele desconhecido; — 5.ª prestação de 12 (se Deus quiser) para a construção de uma casa. Se cinco, faltam sete. O se Deus quiser tem vindo em todas as cartas. É uma afirmação, conquanto venha com o se da dúvida. Uma afirmação de que, seja quem for, é uma pessoa cheia de Deus. A sua casa vai ficar com janelas para o Céu! Poesia? Não senhor. Maneira de pregar teologia, isso sim. A Emília de Lisboa leva na mão uma telha de 100\$. Imediatamente a seguir, é uma mãe e avó com igual coisa e soma. Ao lado, enfileira um herói do Porto com vinte escudos e na bandeira diz — *da economia que eu fiz em tabaco durante o mês findo*. Uma pecadora de Lisboa leva 20\$, mas quer que sejam para os pequeninos de Pataias. Também vai uma com um voto de igual soma. De algures, alguém, leva 200\$. Uma grande pecadora conduz mil escudos num tabuleiro de prata. O arrependimento gera o perdão. Deus nunca é tão Pai, como a perdoar. Maria Madalena, pecadora na cidade tem um lugar de honra na Ladaíinha dos Santos! Foi o seu arrependimento: *Noli amplius peccare*. Penamacor também sai para a rua com 350\$. Uma Maria vai aqui arrumada a um canto, com 100\$.

A fechar, vão 220 Empregados da Diamang, residentes no Dundo. A um cantinho da lista, quase imperceptível, vem a dizer assim: quem pegou na lista foi o senhor Rogério Afonso e acaçou. Seguem os nomes. Se não fossemos todos aqui numa procissão, aonde se impõe silêncio e maneiras, eu havia de refilar. O acaçou vem do verbo acaçar e este é exclusivo de «O Gaiato». Mas deixemos e façamos pausa. Já perdi a conta do número de casas oferecidas pelos Empregados da Diamang e Funcionários

(Continua na página seguinte)

VISITANTES

Eles são às rimas. Idade. Condições. Nacionalidades. Cor. Credo. Tudo. Todos os dias. Esta semana, tivemos os dois grupos da Mocidade do Ultramar, cada um por sua vez, ambos acompanhados pelo senhor Dr. Xavier Coutinho, que celebrou na capela e distribuiu a Comunhão às que quiseram. Para dizer que lhes foi servida uma lauta refeição, não. Mas o cafézinho e uma bucha, não faltou. Manuel do Embrulho serviu.

Já era muito que os grupos nos tivessem dado o grande prazer e distinção da sua visita; já era muito, sim, mas quiseram dar-nos mais. Andou a saca de mão em mão e recolheram preciosos donativos.

Também esteve o grupo da L. O. C. dos Serviços de Transportes da Câmara do Porto. O seu presidente deu-nos conhecimento de uma obra social de que lançaram mão e estão construindo, um bairro de 80 residências, por suas mãos, com seus recursos e horas vagas. São lares católicos, fiadores de vida sã. Disse-me o presidente que o seu grupo tem aumentado consideravelmente, desde que se soube desta bela iniciativa. Não admira. O Bem atrai. Alicia. Oxalá que não só no Porto mas noutras cidades, comece e intensifique-se este movimento. Quem tem uma casinha, está, por isso, abrigo do tempo e defendido da miséria. Mais filiados no Grupo da L. O. C. Mais boa vontade de muitos. Mais casas para todos.

Crónicas de África

(Continuação da 1.ª Página)

brilhantes. Os homens fumam preciosos charutos. Nota-se em tudo e por tudo abundância e bem estar. Já e logo chegam mais carros de grande categoria cheios de grandes figuras vindas da cidade. Eu andava sozinho no meio daquela gente e fui buscar a causa de tanta fartura. Tomates. São tomates. Quem há-de dizer que o produto mais barato dos nossos mercados a que todos os pobres chegam, dê brinco e colares de brilhantes às mulheres de Las Palmas — quem há-de dizer? Na nossa ida para Luanda, o barco em que viajavamos tocou no porto. Já era tarde, mas ainda com luz suficiente eu vi a terra parda um nadinha semelhante à de Ilha de S. Vicente em Cabo Verde; e perguntei a mim mesmo aonde seriam as hortas. Uma vez em terra e no coração da cidade perguntei e disseram-me que no interior. Que havia boas estradas e se não fora o declinar do dia teria ido ver com os meus olhos como do chão se podem fazer fortunas, com culturas baratas.

Esteve aqui o ano passado um visitante que andou a ver a nossa quinta e prometeu ao Sérgio semente de tomate. Se bem o disse melhor o fez. São dos tais. São preciosos e saborosos. A nossa gente tem-se consolado de saladas feitas com eles, pequenos como seixos, peçados como chumbo, cheios como um ovo. Nada se perde, é tudo de comer. E isto vem do chão. Vem da flor da terra. Terra que todos trocam por artes e ofícios, por isso anda o mundo apavorado dizendo haver gente a mais e eu cá digo que não. O defeito são braços a menos a trabalhar na terra.

Hoje não sei, mas naquele tempo havia barcos especiais entre Las Palmas e Londres e a regra era; quanto mais chegavam ao destino mais se comiam. É sabido que todo o britânico não dispensa o seu pequeno almoço e os que podem, com a fatia de presunto, têm o indispensável ovo estrelado. Mas não são mais os que não podem com este luxo. São milhões e milhões e milhões. Ora as donas de casa descobriram e usam um substituto dos ovos. São os tomates. Fritam rodelas e servem à refeição da família. Isto era assim naquele tempo e hoje, ainda que doutra maneira e com outros meios de transporte, há-de ser na mesma. Aquela meia hora à espera do avião de Madrid assim mo disse. A não ser meia dúzia de portugueses, tudo e todos eram espanhóis. A nave chega e num instante regressa; não há tempo a perder. Há interesses e negócios. Um povo farto. Uma vida alta. Milhões de homens na Inglaterra a comer tomates. Las Palmas a tirá-los da flor da terra. Não é preciso ir buscar oiro a 2 quilómetros de profundidade como eu vi em Joanesburgo.

SE DESEJA MANDAR CONFECCIONAR TRABALHOS GRAFICOS, CONSULTE A TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO PAÇO DE SOUSA

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA No dia 6 de Setembro estiveram nesta freguesia os empregados do Secretariado Nacional de Informação, que fizeram exhibir filmes de pequena metragem e que diziam respeito à Campanha Nacional contra o Analfabetismo.

Como era de graça também lá fomos todos, excepto os da casa 2 e casa 4 que ainda são pequenos.

Ora o *Relhas* e o *Pilha Galinhas* como eram da casa 2 resolveram fazer isto que combinaram:

Relhas: — O *Pilha* eu faço que me aleijo, atiro-me para o chão, e tu levas-me à farmácia.

Pilha Galinhas: — O pá tu és muito pesado mas eu levo-te pela mão...

Se bem o pensaram melhor o fizeram e lá seguiram em direcção à farmácia, que ficava mesmo à beira do dito espectáculo.

Mas o mais bonito foi que ao chegarem perto do cinema, com medo que os reconhecessem resolveram ir pela parte mais escura. Mas aí passa um rabi-ro que eles não viram e o *Relhas* caiu, tombou um banho, esmorrou os queixos e então é que foi à farmácia a valer!...

— Esteve entre nós durante 3 dias, o nosso grande amigo Senhor Nuno Cordeiro, que já esteve na nossa obra e apesar de passarem uns poucos de anos não se esqueceu de nós. Muito obrigado pela sua visita e esperamos vê-lo entre nós, o mais breve possível.

Agora temo-nos regalado às refeições com uvas. Estas são compradas, mas temos que cumprir o contrato que todos fizemos com o Pai Américo. Não tiramos as nossas.

Já estão comprados mil quilos e estes agora são tenteados de maneira a durarem o mais possível.

— Tenho muito a agradecer a um senhor de Pont' Delgada que me enviou uma encomenda de selos e muito bons. Muito obrigado ao senhor M. G.

Tenho também a agradecer ao senhor Rocha do Porto que me enviou uns bonitos impressos do SPORTING CLUBE DE PORTUGAL.

Daniel Borges da Silva

LAR DO PORTO (PEQUENOS) — Tive o convite para descrever os casos de maior importância passados neste Lar, onde se encontram 36 rapazes juntamente com outra repartição semi pegada, havendo nesta precisamente 14 rapazes com costumes diferentes, pois estes já são de muita idade.

Foi com grande satisfação que tomei mais este cargo difícil de desempenhar, mas no entanto havendo vontade, tudo se resolve sem dificuldade alguma.

Escusado será dizer que nos encontramos todos satisfeitos com o novo chefe que o Pai Américo designou com o fim de manter a disciplina.

— Pensamos também arranjar uma direcção, e para isso precisamos de subscritores dando cada um por mês 2\$50. Com esta lembrança os nossos jogadores de futebol têm de cumprir rigorosamente os métodos que se resolverem. Portanto precisamos de dinheiro para comprarmos as equipas e outras coisas pertencentes à mesma modalidade desportiva. Isto fica para o conhecimento dos leitores.

— A nossa Conferência anda muito esquecida sobretudo nestas quatro quinzenas passadas. Estamos muito abaixo das nossas possibilidades realizadoras para atendermos os pedidos dos nossos pobres. Pedimos roupas, merceria e outras coisas alimentícias para consolidação dos pobres da conferência. Haja generosidade para que os pedidos citados sejam atendidos o mais urgente possível.

Manuel Henrique (Hélio)

TOJAL A família do Casal Agrícola foi agora aumentada com uma vitela, um borrego e uma ninhada de 9 leitões.

Também a nossa Casa foi aumentada. Num destes dias, entraram para cá dois pequenos, que viviam numa barraca em Lisboa. O mais velho chama-se José Maria e o mais novo é o Quim; andavam por lá sempre nus de verão e de inverno. Há dias eles foram para a cama e nós tivemos cinema. A certa altura eles acordaram com o barulho e vêm pela escada abaixo presenciar o espectáculo, à Pai Adão. Foi uma gargalhada.

O Quim é agora o príncipe da Casa do Tojal. Anda sempre às cavalitas dos outros ou em cima dos carros que transportam sabão e entulho.

— Já são conhecidos o Entroncamento e o Guira. Ambos andaram fugidos. Depois voltaram e andam agora no campo. O Guira quando lhe morde a enxada nas mãos, foge logo de ao pé dos homens do campo e vem pedir trabalho ao Sr. Francisco, por ser trabalho mais leve.

O Sr. Francisco manda-o ir regar e o quê que ele quer.

Há dias deu-se um caso destes. O Entroncamento vem para cima e diz para o Guira: ai estás aqui, e os homens lá no campo à tua espera? Eu já te digo. Nisto vai para baixo e ao mesmo tempo encontrou-se com o mestre serra-

lheiro. O mestre como tinha visto a cena disse para o Entroncamento: tu vais agora com um canivete e começa-te a aproximar dele, porque eu disse que tu o ias matar. Assim foi, vem ele a cortar uma cana e aproximando-se. O outro mal vê o canivete julgava que era a sério e, começa a fugir e o Entroncamento sempre a correr atrás dele e dizia: — e agora é que tu morres, o Guira a tremer respondia: — perdão eu já não volto a fugir do campo perdoá-me Não; é desta vez é que tu morres! Guira muito aflito gritava: O mestre calceteiro acuda-me que me querem matar! O Entroncamento apanhou-o e disse-lhe: — e agora é que tu morres e põe-lhe uma mão nas costas. O Guira cai no chão muito assustado; nunca mais tornou a fugir do campo. Aquilo é que foi uma sortel.

— Quando eu passo pela carpintaria, vem de lá o José Soares a que chamamos «Estica» — O Gouveia pede no jornal uma serra para mim e para os meus col gas, nós às vezes estamos a servir-nos com a dos nossos mestres mas eles precisam e nós ficamos com o trabalho em meio.

Se fosse uma bola eu dizia logo que não, mas como se trata dum serra, os senhores estiquem os cordões da bolsa, façam lá a vontade ao Estica.

— No dia 13 do mês corrente, foi para o senário de Évora um dos nossos rapazes, o Alfredo. São sete filhos e os pais estão ambos doentes no Hospital. Como ele tinha bom comportamento e quis ir estudar para padre da obra da Rua, foi. Assim Deus o ajude. É natural da terra de S. João de Deus — Montemor-o-Novo.

Joaquim A. Gouveia Marques

A venda do Jornal em VIANA DO CASTELO...

Depois da nossa viagem satisfatória, do Porto a esta cidade Minhota, logo procuramos os nossos conhecidos amigos, para nos darmos estalagem.

É raríssimo não termos já de véspera casa marcada para ficarmos para o domingo, pois apesar do nosso amigo Senhor Zé Rancheiro ter a sua Ex.ª Esposa doente, logo o Sr. Padre Constantino tomou conta do cargo que por nós já faz um grande sacrifício!

Continuo também por agradecer ao Sr. José de Melo as amabilidades que nos tem dispensado nesta generosa terra de Viana do Castelo. Muiíssimo obrigado.

Nesta cidade ao domingo quase de hora em hora há missas. E nós com o nosso jornal que os vianenses esperam sempre com ansiedade de quinze em quinze dias no local das igrejas, são muitos os seus compradores e amigos que já são assinantes e alguns deles afirmam com prontidão: «Vós quando vos virdes na impossibilidade de comer, ficai sabendo que tendes a minha casa à vossa disposição». Isto parece mentir, mas não; é autêntico. Felizes estas pessoas que sabem espelhar a sua bondade aos outros que também necessitam de conforto.

Não há, na verdade, palavras para agradecer tanta generosidade que diariamente se encontra nesta terra tão cheia de tradições.

Na quinzena passada, foi o Bernardino que me acompanhou na longa viagem, visto o habitual ter ido a Arcos-de-Valdevez a fim de experimentar se aquela terra dava. Isto tem que ser assim; tem que se espreitar o furo.

Manuel Henrique (Hélio)

...e ÁGUEDA

O bom filho à casa torna. Assim aconteceu comigo, pois que já há quatro meses que lá não ia. Fui e vendi 75. Não vendi mais porque estava muita gente para praias e férias. No domingo seguinte fui a S. Pedro do Sul. Foi a primeira vez. Cheguei lá eram 10 e 40 da noite e não sabia onde me havia de dirigir. Andei e perguntei se me podiam ensinar onde era que eu podia encontrar uma pensão modesta. O meu pedido foi logo satisfeito. Indicaram-me a pensão Central.

Cheguei à porta e pus-me a reparar para um lado e para outro, porque pensei que não tivesse dinheiro que chegasse. Vem uma senhora e pergunta-me o que é que desejo. Eu disse que era da Casa do Gaiato e que vinha ver se havia um quarto aonde eu pudesse dormir e pagasse pouco. A senhora assim que soube que eu era gaiato mandou-me entrar para dentro da casa. Depois esteve-me a fazer algumas perguntas e por fim fui-me deitar. No dia seguinte comi e disse-me que quando quisesse alguma coisa apanhasse. Com respeito a jornais, vendi 169. Vamos a ver se continua no mesmo ritmo.

Amigos leitores, aqui em casa andam três dos nossos rapazes, a estudar na Escola Oliveira Martins, entre os quais eu estou incluído. É o primeiro ano que para lá vamos e se houver alguém que nos possa mandar alguns livros, muito gratos lhes ficamos. Também peço para não se esquecerem dos selos.

Manuel Filgueiredo (Ribeiro)

Notícias da Conferência

da Nossa Aldeia

O DIA DE OZANAM — Comemoramos condescendemente o centenário de Ozanam. Além da Missa a que assistiram os confrades, solenizou-se a reunião ordinária da Conferência com uma sessão solene.

Os corações abriram-se e afirmaram, concretamente, a vantagem incontestável do contacto do gaiato com o Pobre — só do fundamento da Obra da Rua.

O Pai Américo disse do amor do Próximo e do valor que representa a visita domiciliária, para a Eternidade. Não-de ser eles, os Pobres, a pesar no prato da balança, oposto aos nossos defeitos.

E assim festejamos Ozanam, o chefe de família cristão, o catedrático eminente, o condutor de jovens, que, por amor à juventude, se crucificou, até à morte! Estes Homens envergou-nham-nos sim, mas encorajam-nos para uma perfeição constante e diária. Quantos não conhecem, nem tão pouco sonham conhecer as lutas interiores dum pecador; — só ele e Deus. Que valor!

O QUE NOS TROUXE O CORREIO — De Algés, a assinante 22791, 100\$. E mais 100\$ da mesma assinante. Do Porto, 20\$. E 10\$ de S. Domingos (Leste). De Coimbra, 10\$. E outro tanto de Marinha das Ondas. De Fátima, 1.500\$! A costurada carta que diz: Para a Conferência da nossa Aldeia, 20\$. E 21\$ dum cliente da nossa afamada Tipografia.

JÚLIO MENDES

AGORA

(Continuação da terceira página)

da Lunda Chegam quando mal as esperamos. É dentro de cheques. O de hoje soma 13 577\$! Eu estou tentado a ir lá só para ver quem são estes senhores! Não é a quantia em si; é a revolução das almas. Os 220 nomes da lista subiram à inteligência. Dali desceram um nadinha e entraram na vontade. Mais um nadinha abaixo e é o coração. Dali à algi-beira foi um instante. E as casas sobem. E os Pobres desmaiam. Assim aconteceu recentemente a um, quando lhe comunicaram que tinha uma casa. Desmaiou!

Bailes do Século

(Continuação da segunda página)

para se conformarem com a sua triste situação».

Continuando a abrir cartas, demos com os olhos numa outra, de que também damos um período interessante:

«Continuo à espera e eu queria viver. Diga que me chamem e tenham pena de nós.»

Mas nós recebemos de todo o país e a toda a hora as mesmas queixas. E os que se queixam a outro? E os que morrem sem se queixarem a ninguém? Não há ninguém no mundo que verta lá grimas de que eu tenha mais medo. Porque? Porque são lágrimas de Cristo. É o próprio Cristo que chora. O do seio de Maria. O da infância de Nazaré. O da Cruz. O que está sentado à mão direita de Deus Padre. É Ele mesmo que vem a chorar nestas cartas. Se os dogmas da nossa santa Religião são tirados da Escritura e fazem a ciência da teologia, pregue-se ao povo e pratiquemos todos esta ciência divina, pois que é tirada do Evangelho.

Adquiro «O BARREDO»

Ainda restam alguns exemplares